

O PROJETO PIN NA AÇÃO DO ENSINO DE PIANO EM GRUPO PARA A FAIXA ETÁRIA DE 19 A 59 ANOS DE IDADE: DESAFIOS, FERRAMENTAS E RESULTADOS

Harrison Rodrigues Oreste – Universidade Estadual de Maringá

Mylena Dziendizik da Silva – Universidade Estadual de Maringá

Alfeu Rodrigues de Araújo Filho – Universidade Estadual de Maringá

E-mail: ra134674@uem.br

Resumo:

O presente resumo tem como principal objetivo descrever os desafios, ferramentas e resultados do curso de ensino coletivo de piano para a faixa etária de 19 aos 59 anos, ratificando a importância da diversidade de saberes, planejamento das atividades pedagógicas e olhar apurado para o processo de inclusão na ação de ensino/aprendizado. O eixo central do curso de extensão foi ofertar para a comunidade interna e externa o ensino do piano, respeitando as prerrogativas do Ensino de Piano em Grupo (EPG). Os desafios pontuam a heterogeneidade formativa dos participantes, ampliando o campo de ação no exercício da docência direcionado para atitudes de inclusão e troca de conhecimento. As ferramentas foram fundamentadas com um plano de aula semanal, assim como, um plano de trabalho após a avaliação diagnóstica do referido grupo. O resultado gerou uma atividade artística, proporcionando a experiência da *performance* instrumental, a auto-avaliação dos recursos trabalhados e apreendidos, assim como a construção da audição seletiva através da escuta de si próprio e dos respectivos pares.

Palavras-chave: Ensino coletivo; Piano; Prática pedagogia; Diversidade de conhecimentos.

1. Introdução

O referido curso de extensão abrangeu uma faixa etária consideravelmente ampla. O motivo foi ofertar para a comunidade interna e externa a proposta do ensino coletivo do piano, respeitando a possibilidade entre os ministrantes do ano corrente de 2024/2025. Tivemos dois ministrantes, Harrison Rodrigues Oreste e Mylena Dziendizik da Silva, regularmente matriculados no curso de Bacharelado em Música –

Habilitação em Instrumento: Piano da Universidade Estadual de Maringá e participantes do Projeto de Extensão PIN (Piano como INstrumento de INformação, INclusão e INterdisciplinaridade), coordenado pelo Prof. Alfeu Rodrigues de Araújo Filho.

Com um perfil extremamente diversificado entre os participantes, tanto em relação à faixa etária quanto ao conhecimento da leitura musical e dos princípios básicos de execução ao piano, exigiu dos ministrantes um olhar apurado para que o trabalho coletivo pudesse incluir, de forma dinâmica e interessante, a participação de todos os inscritos.

Neste cenário, os professores do ensino coletivo de piano transformam-se em educadores musicais, utilizando o instrumento como ponto de apoio para o desenvolvimento das riquezas oriundas dos fenômenos musicais. E, por este motivo

(...) os processos formativos devem preparar o futuro educador musical para a multiplicidade, a diversidade, a variedade, as diferenças, os problemas e os desafios de ordem individual e coletiva, por meio de saberes e conhecimentos que extrapolam aqueles exclusivamente pedagógico-musicais (Esperidião, 2011, p. 259).

2. Metodologia

Com uma faixa etária tão dispare, um dos inúmeros desafios implicou nas diferentes formas de observar, ouvir, aprender e aplicar os conhecimentos em música. Dessa forma, surgem os desafios: como promover atividades coletivas em uma turma com perfil tão variado? Como planejar atividades que possam ter um olhar de inclusão e, ao mesmo tempo, não desmotivar a dupla discente e docente?

Ratificamos que os questionamentos trouxeram enorme preocupação, contudo, aprendemos que

A carreira docente requer diferentes habilidades e saberes que sugerem e conduzem a novos caminhos e a adoção de outras metodologias e propostas curriculares cujos objetivos sejam direcionados para as diversas atividades pertinentes à profissão do músico. São desafios que exigem reflexões, experiências com outros currículos e metodologias para que o professor de música possa utilizar a música em outras funções e finalidades (Fernandes, 2014, p. 103).

Utilizando o “Laboratório de pianos digitais” do Departamento de Música e Artes Cênicas, importante ferramenta que possibilita a prática do ensino coletivo do piano, Harrison Rodrigues Oreste elaborou uma apostila de procedimentos básicos em relação aos aspectos teóricos e práticos do ensino do piano, apresentando um caminho progressivo no processo de ensino/aprendizado, organizando e fundamentando a estrutura do conteúdo programático.

Segundo Libâneo (1994, p. 222) o planejamento trata-se de “um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”.

3. Resultados e Discussão

A apostila organizada continha os conteúdos básicos de teoria musical para iniciantes e exercícios práticos guiados em aula de forma coletiva. O material também contava com um pequeno repertório progressivo para que, de forma individual, cada aluno fosse se apropriando em seu próprio ritmo.

No momento da ação coletiva foram desenvolvidas atividades que promovessem o exercício dos elementos musicais com a participação ativa de todos para o desenvolvimento da percepção musical, atenção ao processo funcional do corpo, assim como, repertório com divisão de vozes para piano coletivo.

A ação da docência esclareceu que os pedagogos:

Ao planejar suas atividades, devem preocupar-se em respeitar a realidade dos alunos e buscar a aprendizagem significativa como objetivo principal de suas ações. O comprometimento com a qualidade também é o fator chave para o profissional que visa desenvolver sua prática de maneira efetiva (Dorta e Franco, 2013, p. 493).

Os resultados foram diversificados. Duas alunas, estudantes do Curso de Bacharelado em Música – Habilitação: instrumentos de Cordas, já tinham alguma experiência com teclas e, por este motivo, tiveram um bom aproveitamento das aulas, pois, a leitura, a percepção rítmica e conteúdos de teoria musical já eram questões resolvidas. As outras duas alunas eram da comunidade externa e iniciantes no instrumento, portanto, o conteúdo ministrado era totalmente novo e o processo de

ensino/aprendizado durou mais tempo. Vale frisar que foi respeitado o ritmo próprio, sem apressá-las para alcançar as outras colegas e nem compará-las.

4. Considerações

As aulas iniciaram com um grande grupo de alunos muito motivados, entretanto, a finalização foi com apenas quatro. Aprendemos que cursos de extensão não devem ser elaborados com uma carga horária que contempla muitos meses. Quando o curso perpassa pelo mês de julho, um período de férias para a maioria das pessoas, a evasão torna-se uma realidade.

Com a realidade da heterogeneidade da turma, a diversidade de ações e o cuidado com o individual tornaram-se ferramentas preciosas para a qualidade e desenvolvimento do referido trabalho.

No encerramento, foi realizado um pequeno recital no piano acústico de cauda na sala oito do Departamento de Música e Artes Cênicas. A atividade artística propiciou que as participantes pudessem experimentar a *performance*, observar o quanto evoluíram desde o início do curso, assim como exercitar a escuta das colegas.

Referências

DORTA, Greice Cristina da Silva; FRANCO, Sandra Aparecida Pires Franco. **A influência do plano de aula na práxis do docente: uma abordagem no ensino superior**. In: II Jornada de Didática e I Seminário de Pesquisa do CEMAD, p. 491-493, 2013.

ESPERIDIÃO, Neide. **Educação musical e formação de professores**: suíte e variações sobre o tema. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-graduação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, 301f.

FERNANDES, Rosangela. O ensino coletivo de piano como curricular no curso de licenciatura em música da Fames. **Periódico da Faculdade de Música do Espírito Santo**, Vitória, p.97-104, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1994.